

A LIÇÃO

A última crônica que escrevi foi publicada, neste jornal, no dia 10 de setembro passado. Parei quase cinquenta dias, sem nada produzir. Perguntei-me: por quê? - Será que é medo de tornar-me "carne de vaca", ou é mais um caso de reles preguiça, que o povo chama de "couro grosso". De qualquer forma, sinto falta do leitor, de ser interpelado na rua, nos bancos, na padaria, na quitanda, pessoalmente ou por telefone. Gosto dos olhares de aprovação - censura, que me dirigem após cada trabalho que vem a lume. Sou moderadamente vaidoso (e quem não é?) e preciso do público. Sinto um pavor f. da p. da solidão (a censura foi abolida pela nova Constituição).

Por isso tudo, vamos "conversar".

Um velho amigo, de cabelos ralos e brancos como os meus, me alertou: À lápide de sua avó materna Mariana Silveira Moraes está despregada. Você precisa dar um jeito, caso contrário ela se perde, o que seria imperdoável. Agradei e no dia seguinte fui ao cemitério, onde contratei o coveiro Alves, para grudá-la com cola plástica. Hoje (25 de outubro) fui ver o serviço e pagar o trabalho. Tudo em ordem. Aproveitei para ficar uns minutos diante do túmulo. Acendi um maldito-bendito cigarro, ajeitei os óculos e li a "placa" de meu avô materno:

- Júlio Sudário da Silva Leite

* 1º de julho de 1878

+ 14 de janeiro de 1967

" Foi muito amado e respeitado por onde viveu e andou".

Realmente, o "velho" Júlio foi muito amado (era alto, forte e bonitão, mesmo no fim) e respeitado (era honesto e bravo que nem uma onça) por que não deixava as coisas para depois, topando as paradas de pronto. Com seu modo rude e franco foi uma espécie de santo e herói da família. Costumava ficar sentado num banco de granito, localizado na Praça do Fundador (Jardim Público), em frente à sua casa (esquina das Avenidas Presidente Valentim Gentil e 7 de Setembro), junto à farmácia São Lucas. Trajava sempre um terno cáqui de brim (calça, paletó e colete), sapatão marrom e chapéu cinza. Trazia um relógio magnífico preso por uma correntona de ouro, com uma libra esterlina. Hoje esta última relíquia está em meu poder, no meu altar familiar.

De vez em quando ia vê-lo, cumprindo sempre o mesmo ritual de beijar-lhe a mão direita. Depois, sentava ao seu lado para conversar a respeito dos parentes, dos amigos, da cidade, trocando as novidades que cada um tinha. O que eu mais gostava era ouvir suas estórias sobre a terra, as

plantações, as viagens a Mato Grosso e Goiás, as caminhadas, a cavalo, atrás das boiadas vindas do pantanal. Quando ele falava, seu olhar se perdia no horizonte, no passado. Parecia que eu estava ouvindo a leitura de um bom livro de aventura e destemor, da luta contra a maleita, contra o boi "baguá", sobre as noites dormidas ao relento, nas redes de fibra, sobre os acampamentos no meio do mato, do banho nos rios, do charque com feijão, farinha de mandioca e rapadura. Eu chegava a ouvir o som do berrante, o mugir da boiada, o tropel de milhares de cascos dos animais. Via a poeira, a chuva, o atropelo das cavalgadas para resgatar a rês tresmalhada...

Aquilo sim era vida de homem! No meio da narrativa, seus olhos se acendiam e depois... eu fingia não ver quando meu avô limpava os óculos com seu lenço de linho, marcado com suas iniciais, ou quando o ancião querido, discretamente, enxugava uma lágrima teimosa. Numa das últimas vezes que o vi, ao despedir-me pedi-lhe a bênção e inesperadamente (para ele), dei-lhe um abraço e tive uma surpresa. Na altura de seu coração, senti um objeto duro. Com o estouvamento da mocidade, interpelei-o:

-Vô, o Senhor está armado?

-Estou sim. Depois de velho, trago sempre esta velha amiga.

Ato contínuo, desabotoou o paletó e me mostrou uma grande faca de qualidade, de uns 30 centímetros de lâmina, presa na cava do colete, do lado esquerdo do peito. Vendo a faca soberba de puro aço, trocei:

- O que adianta uma arma assim na mão de um velho?

A resposta veio pronta e firme:

- Na sua idade, na mocidade, nunca precisei de arma. Resolvia as coisas no braço e no pé. Hoje não tenho mais forças, o tempo acabou comigo. E até o fim devo ser respeitado. A ofensa impõe o revide, a qualquer preço. É bom que você aprenda. Os velhos sempre devem andar armados.

Os anos passaram. A agilidade e a força ficaram no passado. Só agora entendi a lição. Engraxei o meu revólver Smith E Wesson, calibre 32, oxidado, de cabo madreperla e vou renovar meu porte de arma.

Pode ser que ninguém mais me ame mas, pelo menos, vou ser sempre respeitado.